

31 Justiça



Este episódio aconteceu, há tempos,
E está guardado na memória
De quantos compartilham desta história.

Um condenado à morte pela força
Acusado de um crime,
Sem proteção a que se arrime,
Tudo aceitou sem reclamar.

A hora da execução chegara, enfim...
Muita gente na praça se adensava
No intuito de aplaudir
A presença da morte, em estranho festim.
Explodiam na tarde clara e quente
Estas palavras de clamor:
— “Morte ao bandido!... Morte ao matador!...”

O prisioneiro chega e encontra o sacerdote
Que o seguirá na cena derradeira...
Em torno, a multidão
Gritava rumorosa e galhofeira...
Mas entre o padre e o réu se estabelece
A conversa ligeira
Que o povo crê, no fundo, condensar
O amparo de um conselho e a bênção de uma prece
Que o ministro de Deus promove com pesar.
— “Filho - diz o pastor - sei que estais inocente,
Posso agora dizer esta verdade,
Questão de consciência e lealdade
Que preciso estender a toda gente...”

— “Padre, como sabeis?”
— Interrogou ansioso o réu aflito -
“Se estou no fim, segundo as nossas leis?”

O sacerdote amigo
Aconchegou-se mais ao penitente
E lhe falou, paternalmente:
— “Na semana passada,
Ouvi a confissão inesperada
Do homicida infeliz...
Ele morreu comigo, após contar-me
Calculando as palavras, uma a uma,
Que não tendes culpa alguma...
No derradeiro alento,
Cansado de remorso e sofrimento,
Pedi-me vos livrasse, ante as autoridades,
Documentadamente,
Porquanto, ele somente
É o responsável pelo crime
Que vos foi imputado injustamente,
E devo executar-lhe as últimas vontades”.



No entanto, o sentenciado
 Estampando na face uma expressão de horror,
 Disse, em tom abafado:
 — “Padre amigo,
 Nesse crime, não fui o matador;
 Quanto a isto, já sei,
 Mas deixai que se cumpra a exigência da lei”.
 E, fitando o pastor, de modo inesquecível,
 Rematou, afinal:
 — “A justiça é de Deus e o remorso é terrível...
 Recordai vosso irmão assassinado,
 Há quase cinco anos,
 Por entre espancamentos desumanos?
 O rapaz despojado
 Da fortuna de um banco que trazia?
 Aquele vosso irmão que amáveis tanto,
 Pelo qual vossa mãe morreu de saudade e de pranto,
 Cujas morte no mundo
 Permanece envolvida em mistério profundo?”

O sacerdote ouvira, trêmulo e assombrado
 Mas nada respondeu...
 Após comprida pausa, disse o condenado:
 — “O assassino fui eu...
 Não me livreis da força a que me entrego,
 Já não agüento mais a culpa que carrego...”

Pálido, o sacerdote
 Exclamou, fatigado:
 — “Para mim, já não sois o sentenciado,
 Sois também nosso irmão,
 Mereceis nosso amor,
 Em nome do Senhor,
 Estais vós perdoado. ..”

Mas, nisso, a multidão
 Crendo haver terminado aquele entendimento,
 Que lembrava um diálogo discreto,
 Avançou sobre o preso, em tumulto completo...
 Não houve qualquer tempo
 Para maior explicação.
 Aos gritos delirantes
 De “morte ao matador”,
 Sob a guarda robusta
 Que tomara feitio protetor,
 O infeliz a tremer, triste e descalço,
 Subiu ao cadafalso...

Alguns momentos mais,
 E o corpo entremostrando angústia indefinida,
 Balançava sem vida.
 E, na turba, a gritar, perante a horrível cena,
 Entre vaias finais e assovios plebeus,
 O sacerdote em pranto,
 Sem que o povo lhe ouvisse a palavra serena,
 Murmurava, sozinho, em pequeno recanto:
 — “A justiça é de Deus... A justiça é de Deus...”